mostraram eficientes no âmbito da coesão entre o lúdico e o processo ensino aprendizagem.

Do ponto de vista histórico, a análise a respeito dos jogos e das brincadeiras é feita a partir da imagem da criança presente no cotidiano de uma determinada época. O lugar que a criança ocupa num contexto social e específico, a educação a que está submetida e o conjunto de relações sociais que mantém com personagens do seu mundo permitem compreender melhor o cotidiano infantil.

Todo ser humano "sabe o que é brincar, como se brinca e por que se brinca" (SANTOS, 2010, p. 11), porém, muitas vezes, as atividades lúdicas são resumidas somente ao ato de brincar.

A utilização dos jogos e das brincadeiras em sala de aula tornou-se, por muito tempo, sem significado e sem importância, chegando a ser desvalorizada e desconsiderada como um recurso pedagógico que favorece a aprendizagem.

O educador alemão Froebel (1782-1852), foi pioneiro na introdução à brincadeira no cotidiano escolar infantil, fundando a escola infantil destinada aos menores de oito anos e, posicionando uma proposta educacional que dava ênfase à liberdade da criança.

O pensamento da criança é muito intuitivo, egocêntrico e subjetivo, portanto, existe um grande progresso, pois há o desenvolvimento da capacidade simbólica ou de representação. A criança passa a imitar modelos, pois de acordo com PIAGET (1978, p.162) "surge a função simbólica mais geral, cuja

propriedade é permitir a representação do real, por intermédio dos "significantes", distintos das coisas "significadas"".

Durante muito tempo a escola foi vista pelos alunos como algo enfadonho, obrigatório, sem sentido e entediante, e quando os educadores ofereciam brinquedos, eram criticados pelos pais e mesmo por colegas de profissão de estarem perdendo tempo. Entretanto, com a revelação de que o lúdico pode possuir intencionalidade educativa, descobriu-se um processo que tornou o processo educativo atraente e desejado.

O lúdico tem sido utilizado como instrumento educacional desde a pré-história onde o homem primitivo se utilizava de rituais, que muito se assemelham as brincadeiras de roda, para exercer domínio sobre a caça, a pesca e até mesmo o poder sobre os fenômenos da natureza, esses rituais faziam parte de suas crenças e eram transmitidos de pais para filhos. Já na antiguidade greco-romana as atividades lúdicas como o jogo estava ligado a atividades para relaxamento e entretenimento.

Na Idade Média os jogos como muitas atividades artísticas foram considerados impuros e, portanto, proibidas.

No Renascimento, a ludicidade surge como um instrumento para facilitar o estudo e desenvolver a inteligência.

Durante o período colonial, no Brasil as brincadeiras de meninos e meninas eram diferenciadas. Os meninos brincavam com faca, matando pequenos animais e destruindo seus ninhos, já as meninas eram proibidas brincar de pular, saltar, subir em árvore ou correr, devido ao bom comportamento.

O sentimento de infância nasce no Brasil no século XIX, com a necessidade da instrução e da ampliação das escolas para atender o avanço social da época. No início, o atendimento à infância foi marcado pelo assistencialismo e amparo às crianças necessitadas, com o objetivo de diminuir a mortalidade infantil.

Em 1970 a educação para crianças de 0 a 6 anos, foi comtemplada com um novo estatuto no campo das políticas e dos ensinamentos educacionais. Com isto uma variedade de projetos para as crianças pequenas vem sendo desenvolvidos.

Segundo Lazaretti (2011, p. 1):

A brincadeira surgiu em uma determinada etapa do desenvolvimento da sociedade, no curso da mudança histórica do lugar que a criança ocupa nela. A brincadeira é uma atividade social por sua origem, e por isso seu conteúdo é social e é uma forma de vida e atividade da criança para orientar-se no mundo das ações e relações humanas, dos problemas e motivos das ações dos indivíduos.

Portanto, para cada época e sociedade a concepção sobre o lúdico teve um entendimento diferenciado.

De acordo com Rodrigo e Martins (2002):

A história mostra que ao lado das atividades destinadas a garantir-lhe o sustento o homem sempre buscou outras que lhe dessem prazer. E essa alegria aparece quando ele consegue expressar a sua personalidade. O longo passado das canções, lendas e contos populares (que além de transmitirem e conservarem as tradições serviam de passatempo), a eterna presença dos vários jogos e danças (que não só fortaleciam os guerreiros e agradavam aos deuses mas ao mesmo tempo divertiam a todos) e as artes manuais

(que sempre floresceram nos grupos humanos) são a prova da constância deste anseio de auto expressão através dos tempos. (RODRIGUES & MARTINS, 2002, p.72)

Percebe-se que os jogos e as brincadeiras sempre estiveram presentes na vida do ser humano como forma de alegria e prazer, mas nem sempre foram considerados como um fator fundamental no processo ensino aprendizagem.

A educação contemporânea traz muitos desafios não podendo estagnarse em uma única e exclusiva metodologia de ensino, é preciso utilizar-se de todos os recursos possíveis para que a escola se transforme em um lugar especial que desperte na criança a vontade de aprender e os jogos e brincadeiras podem contribuir nesse processo.

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS NA

PSICOPEDAGOGIA

Os jogos e brincadeiras são características inerentes ao ser humano, conseguindo construir sua personalidade por meio da autonomia que esses recursos oferecem, e o desenvolvimento integral da criança.

Os benefícios psicopedagógicos dos jogos e das brincadeiras são procedimentos altamente importantes, sendo um meio fundamental para promover a aprendizagem de forma integral e significativa.

Segundo Kishimoto (1994 p.01):

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, solucionar problemas e criar.

Neste sentido os jogos e as brincadeiras são ferramentas que auxiliam no processo do desenvolvimento integral da criança e na construção da identidade, assim como o interesse por novos conhecimentos de forma dinâmica e prazerosa.

Os jogos e brincadeiras levam as crianças a contraírem diversas experiências, propiciam a interação com o outro, organizam seu pensamento, tomam decisões, ampliam o pensamento abstrato e procuram maneiras diversificadas de jogar, produzindo conhecimentos, dessa forma tornam-se um aliado nas intervenções psicopedagógicas.

Os jogos e as brincadeiras auxiliam o desenvolvimento motor, o desenvolvimento da linguagem, da percepção, da representação, da memória, do equilíbrio afetivo, da apropriação de signos sociais e das transformações significativas da consciência infantil, por isso a intervenção de um psicopedagogo utilizando os jogos e as brincadeiras é de fundamental importância.

Os jogos e as brincadeiras são caracterizados por atitudes, que correspondem a uma reação de estímulos externos, inerentes ao ser humano. De acordo com Vygotsky (1994, p. 134)

O desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer o que se deve fazer é, ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras.

A aprendizagem significativa se faz por meio do lúdico. Os jogos e as brincadeiras permitem que a criança tenha mais liberdade de pensar e de criar para se desenvolver com criatividade e autonomia.

O brincar é considerado ação que induz ao prazer, exercendo o poder criativo do imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, por meio de simbologias originais inspiradas no universo de quem brinca e, é nesta ação que a criança se desenvolve como ser criativo.

A presença dos jogos e das brincadeiras no desenvolvimento da criança é fundamental para o seu aprendizado, possibilitando à criança a ampliação de conhecimentos significativos.

Por meio dos jogos e das brincadeiras, a criança está sempre se comportando acima de sua idade, acima de seu comportamento usual do cotidiano, influenciando em seus aspectos psicológicos, físicos e sociais.

Ao brincar ou jogar a criança desenvolve a capacidade de simbolizar, de represen-

tar. Por meio dessa capacidade de simbolização e de representação a criança apropria-se do mundo em que vive, compreende-o e participa dele. Percebe-se então que a intervenção psicopedagógica fazendo uso de jogos e brincadeiras contribui significativamente para o processo ensino aprendizagem de forma integral.

O PSICOPEDAGOGO E AS INTERVENÇÕES NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

No ambiente escolar, o trabalho do psicopedagogo visa atender à individualidade do aluno que faz parte da instituição, monitorando seus processos e modalidades de aprendizagem, as características dos vínculos que estabelecem com o objeto de aprendizagem, seus professores e seus grupos de pares e atenção às subjetividades e possibilidades que essa criança ou adolescente possui. Pode-se dizer, então, que a relevância da tarefa psicopedagógica no âmbito institucional se localiza na prevenção primária e secundária, acompanhando e avaliando os processos de aprendizagem para evitar o surgimento de dificuldades dessa natureza e preparando recursos e / ou estratégias de intervenção para a ação.

A Psicopedagogia além de dominar a patologia e etiologia dos problemas de aprendizagem, aprofundou conhecimentos que lhe possibilitam uma contribuição efetiva não só relacionada aos problemas de aprendizagem, mas também, na melhoria da qualidade de ensino oferecido pela escola. (SCOZ, 1994).

Possivelmente dentro da escola existem vários problemas relacionados à história familiar e pessoal dos sujeitos, razão pela qual a abordagem exigirá que o psicólogo educacional esteja em permanente análise, reflexão e intercâmbio com muitos outros atores-professores, psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos etc. - dentro e fora da instituição educacional. A visão de outras disciplinas pode ser muito favorável a situações específicas, onde possivelmente as ferramentas ou estratégias que elas fornecem complementam nosso trabalho, o enriquecem ou questionam as práticas praticadas.

Qualquer escola precisa ser organizada sempre em função da melhor possibilidade de ensino e ser permanentemente questionada para que os conflitos, não resolvidos, não apareçam nas salas de aula sob forma de distorções do próprio ensino. (Weiss, 2001)

É provável que, ao nos inserirmos na instituição, encontraremos demandas e necessidades explicitadas pela equipe de gerenciamento da instituição e às quais tentaremos atender; mas também pode acontecer - e em tempo útil, se isso acontecer - que, com o tempo, nossa observação nos mostre outras necessidades que podem ou não coincidir com as apresentadas no início de nosso trabalho lá. Nesse caso, é importante poder orientar o trabalho de forma que a demanda real seja gerada e não é assumida apenas pelo psicopedagogo, ou seja, que a instituição seja capaz de se apropriar dessa demanda. Dessa forma, contribuirá para uma abordagem abrangente, que permita mudanças reais na instituição.

Deve começar necessariamente com um diagnóstico institucional, os instrumentos para esse fim podem ser:

- A observação da instituição é composta por todos os seus aspectos: níveis educacionais e em que realizaremos a tarefa psicopedagógica, características construtivas, localização geográfica, contexto social, população de alunos que frequentam e características dessa população, ensino da população com a qual conta e grau de pertença à instituição etc.
- Registro ou documentação das situações observadas, aquelas relacionadas à dinâmica institucional e sua identidade, o método de comunicação entre os diferentes atores no mesmo, metodologias educacionais utilizadas pelo corpo docente, conflitos que frequentemente surgem e estratégias utilizadas para resolvê-las... uma rede estabelecida com instituições e recursos próximos disponíveis para o desenvolvimento da tarefa educacional.
- Registro desses aspectos relevantes e em relação direta à demanda e necessidades apresentadas pela equipe de gestão no momento da adesão à instituição.

A partir do diagnóstico psicopedagógico institucional, será orientada a intervenção e sua modalidade. Nesse momento, é necessário ter em mente que a referida modalidade de intervenção deve estar intimamente relacionada à bagagem, à educação básica do psicopedagogo e à abordagem atual com a qual eles aderem à abordagem e à tarefa a ser realizada.

OS DESAFIOS DA PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia é a ciência social responsável pelo estudo dos processos de aprendizagem e ensino. É uma disciplina relativamente recente. Sua prática começou

nos Estados Unidos no final do século XIX; embora o termo não tenha sido cunhado até 1908, na França, por G.

Persigout, que o definiu como "técnica experimental paga" em seu livro de ensaios sobre Pedagogia.

Como o próprio termo indica, essa disciplina é o ponto em que duas outras ciências convergem: Psicologia e Pedagogia. Portanto, seus princípios são baseados em pesquisas psicológicas envolvendo processos cognitivos, afetivos ou fatores sociais e o ambiente do indivíduo, cujo estudo em termos de comportamento é aplicado à metodologia didática, o estudo de emoções e comportamento, para aplicá-los posteriormente na metodologia didática.

Além de estudar os processos de desenvolvimento cognitivo (durante todas as etapas da vida do indivíduo), a Psicologia Educacional tem três objetivos prioritários na prática educacional: prevenção, detecção e intervenção nos problemas de aprendizagem do indivíduo. E não se concentra apenas em atender alunos com necessidades especiais; além disso, os alunos que apresentam baixo desempenho escolar, têm dificuldades específicas em determinadas áreas acadêmicas, manifestam comportamentos inadequados na sala de aula ou problemas de integração.

Para saber como lidar com os problemas específicos de aprendizagem dos alunos, a Psicopedagogia também oferece a seus profissionais uma ampla gama de técnicas de avaliação: desde as bases para observação empírica e formulários e entrevistas, até a aplicação de testes e questionários psicométricos para detectar possíveis dificuldades de aprendizagem ou desenvolvimento ou distúrbios.

A Psicopedagogia oferece os recursos necessários para a intervenção e o desenvolvimento de programas que abordem as dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos: desde a realização de avaliações psicológicas e adaptação de currículos, até a oferta de atividades e conteúdos adequados para cada caso personalizado.

As demandas educacionais no contexto atual apresentam desafios significativos que buscam responder às particularidades dos alunos, sob uma perspectiva de atenção à diversidade, levando em consideração as diversas perspectivas que a compõem. Assim, a concepção de psicopedagogia despertou interesse nos profissionais dessas ciências, pois é uma questão-chave nos sistemas educacionais que estão se tornando cada vez mais complexos e exige que a profissão docente seja assim, tendo em vista que é vista aumentada pela mudança radical e vertiginosa das estruturas científicas, sociais e educacionais, que dão suporte e significado ao seu caráter institucional. Esses aspectos enfatizam a grande importância do aprendizado de relacionamento, coexistência, para o ensino.

Não existe atuação psicopedagógica na escola sem a postura do ouvir, do falar e do propor. A intervenção do psicopedagogo tem que estar regada do seu saber, da sua criatividade, da sua perspicácia, para que tenha condições de adaptar o trabalho a que se propõe, de acordo com as necessidades e possibilidades do contexto educacional em que está atuando. (PONTES, 2010).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2014), os desafios que visam elevar a qualidade e a equidade nos diferentes contextos educacionais da América Latina exigem a necessidade de prestar atenção especial às políticas de treinamento.

A partir dessas considerações, o processo de formação do professor constitui requisito de melhoria no campo educacional e, portanto, nas políticas, passa a ser um requisito que condiciona a efetividade do processo de formação.

Embora as concepções sobre psicopedagogia tenham passado por critérios diferentes entre cientistas e profissionais nas áreas pedagógica e psicológica, é pertinente refletir sobre a importância e o significado do processo de formação de professores do ponto de vista Psicopedagógica, como condição necessária para a gestão científica do processo educacional, que implica a identificação de objetivos e necessidades de treinamento, o estímulo de uma atitude ativa no desenvolvimento de projetos educacionais como opção pedagógica que atribui unidade e coerência ao trabalho coletivo em suas áreas de atuação.

É importante analisar os aspectos relacionados à psicopedagogia como campo do conhecimento, partindo da percepção de que é o resultado da interseção entre as disciplinas psicologia e pedagogia, o que leva a vários problemas epistemológicos.

Em relação à psicopedagogia, ele aborda em seu objeto de estudo a relação sujeito-objeto do conhecimento, desde o processo de apropriação, internalização e aplicação, bem como ações interventivas quando surgem certas dificuldades e alterações na aprendizagem, que podem ser devidas a fatores de natureza extrínseca ou intrínseca.

Os debates em torno dos fundamentos epistemológicos, relacionados à integração da psicologia e da pedagogia, se manifestam de forma incipiente nos diferentes contextos científicos, baseados nas necessidades e preocupações dos profissionais da educação,

em prol de seus interesses em aprofundar os aspectos que influenciam do ponto de vista psicopedagógico em sua prática educacional e que possui um valor extraordinário do ponto de vista teórico e metodológico.

De acordo com Portilho (2003, p. 125):

Psicopedagogia tem por objeto de estudo a aprendizagem do ser humano que na sua essência é social, emocional e cognitivo- o ser cognoscente, um sujeito que para aprender pensa, sente e age em uma atmosfera, que ao mesmo tempo é objetiva e subjetiva, individual e coletiva, de sensações e de conhecimentos, de ser e vir a ser, de não saber e de saber. Essa ciência estuda o sujeito na sua singularidade, a partir do seu contexto social e de todas as redes relacionais a que ele consegue pertencer [...].

A concepção epistemológica da psicopedagogia passou por diferentes vicissitudes em relação ao seu objeto de estudo, que responderam a certas demandas que a sociedade colocou em determinadas áreas e para solucionar problemas do meio social. Por isso, sua concepção emerge de uma análise progressiva que vai do discurso frequente às considerações de conceituação e intervenção, levando em consideração as demandas institucionais, familiares e escolares.

No desenvolvimento da concepção de psicopedagogia, manifestou-se uma segmentação sobre suas considerações, tendo em vista que seu desenvolvimento foi permeado pelos preceitos protegidos em Psicologia e Pedagogia, cada um com suas características e características, formas peculiares que não permitem possuir uma visão como ciência.

Segundo Ortiz e Mariño (2014), no atual contexto educacional, o conceito de psicopedagogia é reiterado há alguns anos, dentro das ciências da educação, não apenas como um campo do conhecimento científico, mas como uma carreira universitária, e para tanto como uma profissão no mundo. Nesse sentido, ele ressalta que as relações entre essas duas disciplinas têm, como aspecto comum, as características do ser humano; no entanto, ao longo dos anos, percorreram caminhos paralelos, quando na realidade devem se preocupar com o homem específico, conhecê-lo e educá-lo, com o princípio de que você não pode treinar alguém que você não conhece, também é importante considerar que eles complementam outras ciências relacionadas ao desenvolvimento socioeducativo.

Nesse sentido, o professor exige o uso de ferramentas didáticas, dentre elas a possibilidade de utilizar diferentes estilos de aprendizagem, que lhe permitam conduzir o processo com eficiência, para isso ele precisa conhecer as características individuais do desenvolvimento de seus alunos, para oferecer alternativas com caráter flexível e diversificado diante das dificuldades que surgem no processo de ensino-aprendizagem, a fim de alcançar os objetivos planejados.

Para Ortiz, o conceito de psicopedagogia passa a ser ciência aplicada, que trata de preceitos e conhecimentos teóricos, compostos de princípios, categorias e modelos, mas que é utilizada em função do processo educacional, em que professores e alunos estão envolvidos interativo, em um contexto sociocultural e histórico específico.

A concepção do processo educacional, como parte de seu objeto, está relacionada à abordagem integral e interdisciplinar, levando em consideração a amplitude e a complexidade expressas no processo de ensino-aprendizagem, onde se manifestam características muito peculiares, mas que sua essência é a formação e o desenvolvimento integral da personalidade dos alunos.

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO ESCOLAR

A psicopedagogia pode contribuir para os processos de ensinoaprendizagem, não como uma forma mágica de acabar com todos os problemas relacionados as práticas pedagógicas, mas como uma ferramenta útil que traga o embasamento teórico-científico que possa melhorar o aprendizado, bem como, estimular de forma adequada e diferenciada as potencialidades da criança que cada dia se transforma dentro da modernidade a qual está inserida.

Diante das transformações ao longo dos anos, entre elas: a diversidade de alunos com diferentes crenças e etnias; as mudanças culturais; os avanços tecnológicos; as mudanças na estrutura familiar, as quais podem promover ou não para um bom desempenho cognitivo, percebendo os reflexos dessas transformações dentro do âmbito escolar, e consequentemente a necessidade de atualização das práticas educacionais, tanto para a aprendizagem efetiva dentro das salas de aula, como para preparar estes alunos para as transformações dentro da atual sociedade.

Entender todos os mecanismos envolvidos no processo ensino aprendizagem implica em uma tarefa que por vezes, não é fácil, mas produtiva e gratificante. Para que a aprendizagem seja possível, é necessário ter bem estabelecidos e estimulados mecanismos de atenção, ter uma boa alimentação e sono de qualidade, entre outros, levando em consideração todos os aspectos do indivíduo, tais como o biológico, social, psicológico, cognitivo.

As emoções cumprem papéis de gran-

de importância e são fundamentais para nossa sobrevivência. Dentre suas principais funções constam a preparação e motivação para as ações; avaliação dos estímulos do ambiente de maneira rápida e eficiente; auxílio no controle das relações sociais e facilitação do reconhecimento de expressões típicas que indicam as intenções do indivíduo.

De acordo com Damásio (1996):

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (DAMÁSIO, 1996, p. 195).

A emoção pode influenciar de maneira definitiva no equilíbrio das tomadas de decisão. Damásio (1996) considera a emoção, a razão e o cérebro como fatores indispensáveis para a avaliação dos riscos, conflitos e benefícios que envolvem uma decisão.

Ao sistema límbico se atribui o controle das emoções e processos motivacionais (Cosenza & Guerra, 2011), que atuam na aprendizagem e memória. O desenvolvimento desse sistema permitiu que vivências e experiências fossem armazenadas e que a capacidade de aprendizagem pudesse oportunizar aos seres humanos irem além das reações automáticas predeterminadas pelos instintos, além de aprimorar respostas e adaptá-las às condições do meio (AGÜERA, 2008).

Aprendizagem constitui-se como um processo de mudança comportamental obtido por meio da experiência, na qual é resultante da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente que cerca o indivíduo.

Segundo Weiss (2004) apud Sousa (2009), aprendizagem é:

um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca. Meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade em que estão. Essa construção se dá sob a forma de estruturas complexas" (WEISS, 2004 apud SOUSA 2009, p. 26)

O processo cognitivo é complexo e implica em um conjunto de estruturas que recebem, filtram, organizam, modelam e retêm os dados provenientes do meio.

Hoje, mais do que nunca, é urgente assumir o desafio de aprender a viver em um mundo globalizado, entender a importância de se sentir um cidadão do mundo e se reconhecer como sujeito ativo e protagonista do progresso social. Nessa perspectiva, a educação se torna uma possibilidade para a formação integral do ser humano, na medida em que contribui para o desenvolvimento de estratégias para aprender a aprender e melhorar as condições sociais, culturais, econômicas e políticas do contexto atual; e o ensino, reconhecido como complexo e incerto, requer atenção e transformação permanentes.

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda - o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia – e evoluiu devido a existência de recursos, ainda que embrionários, para atender a essa demanda, constituindo- se assim, em uma prática. Como se preocupa com o problema de aprendizagem, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem. Portanto, vemos que a psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprender, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e a preveni-las. (BOSSA, 2007, p. 24)

Com base no dia a dia da disciplina, é oportuno relembrar a preparação do professor formador responsável pela educação do cidadão, a fim de ajudá-lo a entender o ambiente e a viver em comunidade. As habilidades do futuro professor devem treiná-lo para trabalhar sob incerteza e colaborar na busca de respostas que contribuam para a cristalização de sociedades mais justas e equitativas. Não se trata de treinar um professor com uma grande quantidade de conhecimento e transmitir informações, mas promover o desenvolvimento de capacidades, atitudes e aptidões para a aprendizagem ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação tem como função primordial transmitir o ensino às crianças de maneira adequada facilitando à aprendizagem de forma a se reduzir o fracasso escolar, por meio de diversos estímulos.

A criança se desenvolve muito além do que estamos acostumados a ver. A criança não se desenvolve apenas em seus aspectos físicos e intelectuais, ela está em constante desenvolvimento. Cada etapa do crescimento de uma criança, ela apresenta um comportamento diferente, tanto o emocional, quan-

to o social e o intelectual.

Percebe-se que se faz cada vez mais necessária a presença da psicopedagogia na vida das crianças, contribuindo para o desenvolvimento físico, psíquico e social, podendo auxiliar no processo de construção de aspectos fundamentais no futuro quando se tornarão adultos com menos problemas de aprendizagem.

Nota-se que cada vez mais a psicopedagogia é de fundamental importância para a educação, podendo auxiliar no processo de construção de aspectos fundamentais no futuro quando se tornarão adultos com menos problemas de aprendizagem.

Percebe-se que os jogos e as brincadeiras no universo infantil são essenciais na interação social da criança com o seu meio, sendo fundamentais para a intervenção psicopedagógica, auxiliando a criança a expandir seu imaginário e desenvolver diversas formas de aprendizagens.

Aprender a pensar sobre diferentes assuntos é fundamental, cabendo a escola educar de forma inteligente e divertida, junto a um psicopedagogo, que contribuirá com suas intervenções por meio dos jogos e das brincadeiras.

Fazer uma análise ludicamente deve ser um ato consciente e planejado, tornando o indivíduo consciente, engajado e feliz no mundo, seduzindo as crianças para o prazer de conhecer, resgatando o verdadeiro sentido da palavra escola, local de alegria, prazer intelectual, satisfação e desenvolvimento.

Conclui-se então que por meio da intervenção psicopedagógica utilizando os jogos e brincadeiras são extremamente importantes para o processo de formação integral do indivíduo.

REFERÊNCIAS

AGUERA, L. G. Além da Inteligência Emocional: As cinco dimensões da mente. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BOSSA, Nadia A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil – Conhecimento de Mundo. Brasília, MEC/SEF. 1998.

DORNELLES, Leni Vieira. Na Escola Infantil todo mundo brinca se você brinca. In_____: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis Elise. Educação Infantil: Pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar na educação infantil. Revista Pátio – Educação Infantil. Ano I - Nº 03, Dez. 2003 – Mar. 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. Notas de Ana Maria Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. KISHIMOTO ,Tizuko M. O Jogo e a Educação Infantil . São Paulo : Pioneira, 1994.

Jogo brinquedo, brincadeira e a educação. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ORTIZ, E. & MARINO, M. Uma compreensão epistemológica da psicopedagogia. 2014.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PONTES IAM. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. Rev. Psicopedagogia 2010;

Disponível em:<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/196/atuacaopsicopedagogica-nocontexto-escolar--manipulacao-nao-contribuicao-sim>. Acesso em 10 abr.2023.

PORTILHO, Evelise Maria Labatut. Conhecer-se para conhecer. In: BARBOSA, Laura Monte Serrat. Psicopedagogia um portal para inserção social. Petropolis-RJ: Vozes, 2003, p. 125- 131.

RODRIGUES, Luis G.C e MARTINS, João Luis. Recreação: trabalho sério e divertido. São Paulo: ícone, 2002.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. Atividades lúdicas na educação da criança. São Paulo: Ática, 1987.

RONCA, P.A.C. A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo : Edisplan, 1989.

SCOZ, Beatriz. Pisicopedagogia e Realidade escola: o problema escolar e de aprendizagem. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 176 p.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: sucata vira brinquedo. Petrópolis: Vozes, 1997.

WEISS, Maria Lúcia. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 8°. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001. 205.

VASCONCELLOS, C.S. Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertat, 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.